

Entre trens e músicas: ideias para projetos integrados na escola

Maura Penna

Universidade Federal da Paraíba
maurapenna@gmail.com



Resumo: O trem está presente no cotidiano de muitas cidades, como transporte urbano, sendo também um tema do imaginário social. Na música brasileira, são inúmeras e diferenciadas as produções em torno do tema, tanto na música popular – do samba ao rock – quanto na música erudita. Este texto levanta possibilidades para se trabalhar com músicas sobre o tema do trem, no ensino fundamental e médio, em projetos integrados ou interdisciplinares. São apontados conteúdos, de diversas áreas de conhecimento, que poderiam ser abordados nesses projetos. Explorando diversas músicas sobre o tema, são sugeridas alternativas pedagógicas para trabalhar conteúdos musicais, com base na apreciação – escuta consciente – e no fazer musical – execução ou criação.

Palavras-chave: educação musical; projetos integrados; trem como tema.

About trains and musics: some ideas for integrated projects in school

Abstract: *The train is present as an urban transport in many cities' everyday life, and it is also a theme of the social imaginary. In Brazilian music there are several different productions on the theme, both in popular music – from samba to rock – as in classical music. This paper discusses possibilities of working on songs with the train theme, in elementary and secondary schools, through integrated or interdisciplinary projects. Subjects of different areas of knowledge that could be discussed by these projects are mentioned. Exploring different songs on the theme, pedagogical alternatives based on the appreciation – conscious listening – and music making – performance or creation - are suggested in order to work musical contents.*

Keywords: *music education; integrated projects; train as the theme.*



Trem ou comboio?

Quando falamos em trem como meio de transporte, esse uso do termo é tipicamente brasileiro. Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0*, dentre outros sentidos primários – como comitiva, séquito, caravana; reunião de objetos levados em viagem; bagagem; carruagem – encontramos, finalmente, trem como “série de vagões engatados entre si e puxados por uma locomotiva; trem de ferro, comboio” – este último é o termo mais corrente em Portugal.

O trem na música brasileira

Trem é um tema bastante presente na música brasileira – tanto na música popular, do samba ao rock, quanto na música erudita, no conhecido *O Trenzinho do Caipira*, de Heitor Villa-Lobos. Vira e mexe, uma canção com o tema integra a trilha sonora de alguma novela de sucesso, o que pode trazê-la, mesmo que por um certo momento, à esfera da experiência musical de nossos alunos – permitindo que, mesmo que não seja considerada como uma escolha musical por seu gosto pessoal, não seja rejeitada como algo alheio a seu mundo.



Você lembra? Músicas de trem nas novelas

Recentemente *Trem das Onze* (de Adoniran Barbosa, por Zeca Pagodinho) fez parte da trilha sonora da novela da Globo, *Amor à Vida*, que esteve em cartaz até 31 de janeiro de 2014. Já, anteriormente, *Encontros e Despedidas* (de Milton Nascimento e Fernando Brant, cantada por Maria Rita) integrou a trilha da novela *Senhora do Destino*, que esteve em cartaz entre 2004 e 2005, e foi rerepresentada em 2009, em *Vale a Pena Ver de Novo*.

Encontros e Despedidas foi também gravada pelo próprio Milton e ainda por Simone (dentre outros).

Vale a pena ficar de olho – ou melhor, de ouvidos abertos – para alguma música de trem que entre na esfera de uma divulgação midiática que possibilite colocá-la no foco de um processo pedagógico. Por vezes, pode ser outro arranjo, outra versão de uma mesma canção, por exemplo. Desta forma, de uma música sobre o tema do trem que esteja presente de algum modo no cotidiano do aluno, podemos ir tecendo laços com inúmeras outras produções musicais sobre o mesmo tema, como veremos adiante.



Trem das Onze na internet

Apenas no site do *4share*, há mais de 200 entradas (algumas repetidas, claro) de *Trem das Onze* para audição e/ou *download* – desde a clássica gravação por seu compositor, Adoniran Barbosa, até a de diversos sambistas (Martininho da Vila, Beth Carvalho, dentre outros) e grupos de pagode, além da interpretação de Caetano Veloso com Maria Gadu e, ainda, de Ivete Sangalo.

E você pode encontrar diversas outras opções interessantes no YouTube, onde a busca pelo nome da canção leva a mais de 58 mil resultados!

O trem no cotidiano e no imaginário social

No cotidiano de muitas cidades brasileiras, o trem está presente como alternativa de transporte urbano: o trem que atende aos subúrbios ou a outros municípios da região metropolitana, ou o metrô, como sua variante.

METRÔ

O metrô (ou metropolitano) é um meio de transporte urbano que circula sobre trilhos, transportando passageiros. Para ser considerado metrô, não precisa necessariamente ser subterrâneo, embora isso seja o mais comum. Dependendo da topografia do terreno, suas linhas podem ser *subterrâneas*, *terrestres* ou *elevadas*. A maioria dos sistemas de metrô funciona com motores elétricos e a energia é, em geral, consumida através de um terceiro trilho.



Você sabia?

No Brasil, em números atuais, a maior rede é a do Metrô de São Paulo (com 74,3 km), seguido pelo Metrô de Recife (com 44,2 km), o Metrô de Brasília (42,4 km), o Metrô do Rio de Janeiro (40,9 km) e o Metrô de Belo Horizonte (28,2 km). Já os mais movimentados são, respectivamente, os metrôs de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre e Brasília.



No entanto, no imaginário social, o trem que é evocado não é o trem elétrico ou a diesel que normalmente serve ao transporte urbano e que pode estar presente na nossa vida e de nossos alunos: o trem do imaginário é a Maria Fumaça, o trem a vapor, fora de uso já há bastante tempo.

TREM A VAPOR

O trem a vapor é composto por vagões de carga e/ou carros de passageiros, tendo como tração uma locomotiva a vapor. Esta é propulsionada por um motor a vapor que se compõe de três partes principais: a caldeira, produzindo o vapor usando a energia do combustível, a máquina térmica, transformando a energia do vapor em trabalho mecânico, e a carroçaria, carregando a construção.

As primeiras locomotivas apareceram no século XIX, sendo o mais popular tipo de locomotiva até ao fim da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, as locomotivas a vapor receberam o apelido de Maria Fumaça em virtude da densa nuvem de vapor e fuligem expelida por sua chaminé.





O trem de Harry Potter

Um trem a vapor presente em uma narrativa contemporânea é o *Expresso de Hogwarts*, que, na saga de Harry Potter (personagem da série de livros de autoria de J. K. Rowling, posteriormente transformados em filmes), leva os estudantes de Londres à Escola de Magia e Bruxaria.

Explorando o tema do trem em projetos interdisciplinares

O trem pode ser o tema gerador de *projetos interdisciplinares* ou *projetos integrados*, articulando conteúdos de diversas áreas de conhecimento e a atuação coletiva de diversos professores – inclusive, claro, o professor de Arte/Música.

Os projetos integrados têm sido muito valorizados para a renovação das práticas pedagógicas, especialmente dentro de projetos de educação integral, que visam não apenas à ampliação da jornada escolar, mas à formação global dos alunos. Neste sentido, buscam articular saberes cotidianos e conhecimentos escolares, objetivando ultrapassar o caráter linear e fragmentado que costuma caracterizar os currículos.



Os projetos de trabalho trazem nova concepção de sequencição, fundada na dinâmica, no processo de “ir e vir”, em que os conteúdos vão sendo tratados de forma mais abrangente e flexível, dependendo do conhecimento prévio e da experiência cultural dos alunos. Assim, um mesmo projeto pode ser desencadeado em turmas de ciclos diferentes, recebendo tratamento diferenciado, a partir do perfil dos grupos. (Leite, 1996, p. 30)

Projetos integrados são, sem dúvida, um desafio para uma prática coletiva. Os professores precisam se dispor a trabalhar em equipe, a planejar em conjunto, a discutir alternativas e a avaliar o processo que está sendo desenvolvido. Isso exige comprometimento e dedicação, além de horas (extras) de trabalho. Mas o esforço é recompensado pela satisfação da realização coletiva, da construção de uma prática pedagógica mais significativa para todos – alunos, professores, comunidade escolar. E essa realização, que pode culminar com algum resultado final compartilhado – uma apresentação, uma mostra ou uma produção artística – pode ser um caminho para negociar e conquistar melhores condições de trabalho¹.

Paralelamente ao projeto conjunto dos professores, é possível buscar, junto aos alunos, promover um efetivo trabalho em grupo, incentivando o desenvolvimento de sua autonomia, de modo que cada pequeno grupo se dedique ao estudo de determinada questão ou à elaboração de uma certa produção. E tudo isso, claro, depende da possibilidade de o tema se tornar significativo, de modo a promover o envolvimento no projeto.



1) Como argumenta Kuenzer (2001, p. 91-92), o professor deveria ser contratado para a escola, e não por aulas, de modo que possa contar, em sua carga horária, com tempo para planejamento, preparação e avaliação de atividades compartilhadas.



O que caracteriza o trabalho por projetos não é a origem do tema, mas o tratamento dado a esse tema, no sentido de torná-lo uma questão do grupo como um todo e não apenas de alguns alunos ou do professor. Portanto, os problemas ou temáticas podem surgir de um aluno em particular, de um grupo de alunos, da turma, do professor ou da própria conjuntura. O que se faz necessário garantir é que esse problema passe a ser de todos, com um envolvimento efetivo na definição dos objetivos e das etapas para alcançá-los, na participação nas atividades vivenciadas e no processo de avaliação. (Leite, 1996, p. 31)

Podemos encontrar algum foco de estímulo para iniciar o trabalho em situações do cotidiano:

- uma estação de trem urbano ou de metrô próxima à escola – ou mesmo, eventualmente, uma estação de trem desativada –, que pode levantar questões a respeito dos trens que passa(va)m ali, indo para onde, carregando o quê;
- uma música sobre o tema que circula na mídia;
- uma notícia recente (na imprensa, na TV, na internet, etc.) sobre o tema – greve afetando esse meio de transporte, acidente ou, ainda com mais frequência, superlotação e protestos de usuários desses meios de transporte;
- um passeio da escola para visitação a um museu ou memorial em sua cidade que mantenha em exposição uma locomotiva a vapor – o que pode ser especialmente estimulante para crianç as menores.

Onde encontrar locomotivas a vapor em exposição:



- Em São Paulo, nos jardins do Museu da Ciência / Catavento Espaço Cultural;
- Em Londrina (PR), no Museu Histórico da cidade;
- Em Belo Horizonte (MG), no Museu Histórico Abílio Barreto.

= procure na internet informações a respeito de dias e horários de visitação nos sites dessas instituições, além de outras alternativas. Há opções em Campinas (SP) e em diversas outras cidades.

Com base em algum dos estímulos acima,   possível iniciar um projeto em torno do trem como tema. E o trabalho – até mesmo o planejamento de atividades – pode começar com uma pergunta sobre os tipos de trem que os alunos conhecem – seja por usarem o trem como transporte, por v -lo ou ouvi-lo passar, ou ainda por diversas notícias ou informações que possam ter sobre trens. Isso tudo irá variar, certamente, conforme a faixa etária dos alunos, o contexto social e mesmo geográfico em que a escola se situa, etc.

A partir da , num planejamento conjunto,   possível começar a pensar como as diversas áreas de conhecimento que integram o currículo escolar do ensino fundamental ou médio podem trabalhar com o tema ou com temáticas relacionadas, o que também dependerá do nível de ensino, do ano ou série escolar. Sugerimos que, se não for possível alcançar de imediato o ideal de engajar todo o corpo docente no projeto interdisciplinar, que se comece a trabalhar com aqueles professores que se prontificarem, mesmo que sejam apenas dois ou três. E ainda, se não for possível engajar outros professores, há a alternativa de, ao explorar

nas aulas de música diversas produções musicais sobre o tema do trem, incentivar os alunos a trabalharem, em grupos, com projetos que explorem diversos outros conteúdos. Porém, nessa abordagem interdisciplinar, é necessário o cuidado de não se perder de foco a música que lhes serve de estímulo.



Algumas ideias para explorar o tema em outras áreas de conhecimento

- Os professores de História e Geografia podem abordar questões sobre os diversos meios de transporte – de passageiros e de mercadorias; no Brasil e em diferentes países; em diversos momentos históricos...
- Os professores de Ciências Naturais ou Física podem focar, por exemplo, conteúdos relativos às tecnologias e combustíveis, do trem a vapor ao trem a diesel, o trem elétrico e o metrô, até o trem que flutua sobre os trilhos para diminuir o atrito...
- Em Língua Portuguesa – especificamente com a literatura – e nos diversos campos da Arte, podem-se buscar modos de trabalhar com as diversas produções artísticas sobre o tema nas artes visuais, literatura, teatro, dança...



Onde matar a curiosidade...

- Você pode encontrar na internet uma explicação simples de como funciona uma locomotiva a vapor, com um esquema gráfico ilustrativo: [http://papofisico.tumblr.com/post/30553430547/como-funciona-o-trem-a-vapor²](http://papofisico.tumblr.com/post/30553430547/como-funciona-o-trem-a-vapor2).
- Vale lembrar que todas as máquinas a vapor – usadas em meios de transporte (barcos e navios) ou em maquinários para diversos tipos de produção – foram essenciais na Revolução Industrial.
- Quanto ao trem que flutua sobre os trilhos, uma explicação rápida está disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-funcionam-os-trens-que-flutuam-sobre-os-trilhos>

Na área de música, especificamente, podemos abordar pedagogicamente diversas produções musicais (de diferentes gêneros) que tratam do tema, buscando reconhecer, por exemplo, de que modo exploram os diversos elementos musicais. No caso das canções, enfocando quais as ideias presentes em suas letras e como essas ideias são expressas musicalmente (inclusive em diferentes arranjos). De início, pode-se trabalhar o reconhecimento dos padrões rítmicos de determinados gêneros musicais (do samba, por exemplo) e também como elementos rítmicos são explorados para representar ou “ilustrar” o movimento do trem: por meio de diferentes andamentos ou de variações progressivas (e localizadas) da velocidade do pulso, num acelerando ou ritardando/ralentando. Ao focar o parâmetro do timbre, que permite identificar a fonte sonora, procuramos reconhecer o uso de diferentes instrumentos em várias músicas e em diversos arranjos, especialmente quanto ao modo como são empregados para evocar sonoridades do próprio trem. Neste processo de percepção musical, é importante buscar vincular os elementos sonoros e musicais à finalidade expressiva que direciona o seu uso.



2) Todos os links indicados neste texto foram acessados em 10 de agosto de 2014, confirmando-se, nessa ocasião, a disponibilidade do material online.

Por outro lado, vale ressaltar que a concepção dos projetos interdisciplinares tem como principal objetivo justamente promover a articulação de conteúdos através da exploração de múltiplas possibilidades de relações entre eles. Nesta perspectiva, então, é possível discutir como diferentes tecnologias e combustíveis são usados por diversos tipos de trem em momentos históricos específicos – relacionando questões de História e de Ciências – ou de qual tipo de trem tratam determinadas músicas ou poema.

Explorando músicas sobre trem

Seguindo a proposta de estabelecer uma ponte com a experiência do aluno, podemos partir, como já indicado, de uma música sobre o trem, que esteja presente de algum modo no cotidiano do aluno, para ir tecendo laços com inúmeras outras produções musicais sobre o mesmo tema. A princípio, podem ser propostas atividades de apreciação, mas precisamos lembrar de que se trata de uma alternativa pedagógica para a escuta consciente, de modo que tais atividades não podem se resumir em *colocar para tocar* alguma música, sendo importante estabelecer direcionamentos para a atenção, propor focos de interesse e de percepção.

Dica

Conforme a idade dos alunos, sua experiência musical e também sua capacidade de concentração em exercícios de apreciação, pode ser conveniente apresentar a música em trechos, escutando de novo uma determinada passagem e, em conjunto, ir discutindo e reconhecendo os elementos musicais que estão sendo trabalhados. Como já mencionamos, um primeiro foco de trabalho perceptivo pode ser encontrado nos padrões rítmicos ou na instrumentação. Assim, para tornar a apreciação mais ativa, ela pode ser vivenciada também através do movimento corporal – por exemplo, caminhar na pulsação, buscando um deslocamento expressivo que corresponda à intensidade da música. A apreciação também pode ser articulada a atividades de (re)produção sonora – como, após identificar um determinado padrão rítmico (uma célula rítmica ou um *ostinato*), reproduzi-lo com batimentos corporais.

Pelo apoio da linguagem verbal, já usada significativamente no cotidiano, a letra das canções sempre pode constituir um foco inicial de atenção, remetendo ao tema e permitindo discutir diversas questões relacionadas (como o tipo de trem, por exemplo). Mas é preciso ir além do suporte verbal, para chegar ao modo como diversos elementos musicais são explorados, inclusive para sugerir as sonoridades de um trem. Neste sentido, convém focalizar a instrumentação, os andamentos e variações de velocidade do pulso, a dinâmica (diferentes intensidades), enquanto elementos capazes de remeter ao movimento e velocidade do trem, aos sons que o mesmo produz, ou ainda à sua proximidade ou distância (em relação a quem o espera ou que o vê partir).

Assim, através da apreciação – propondo-se, por exemplo, a atenção aos padrões rítmicos característicos do samba – *Trem das Onze* (de Adoniran Barbosa), “clássico” do samba paulistano que integra a trilha sonora da novela *Amor à Vida* – pode-se chegar a *Trem de Ferro*, poema de Manuel Bandeira, musicado por Tom Jobim.



1ª estação: Café com pão de Bandeira...

Podemos chegar a Trem de Ferro não apenas pela apreciação, mas por uma atividade de criação sonora. Como já sugerido no artigo de Maria Cristiane Reys (2011), no número 3 desta revista, a sonorização de histórias pode ser uma estratégia eficaz para o trabalho de criação e “um meio eficiente de se trabalhar conteúdos musicais como percepção, caráter expressivo e forma, o uso da voz e o manuseio de instrumentos”. E dentre as várias sugestões que a autora apresenta, está o trem de ferro, de nosso folclore, como “fonte de inspiração”, sendo possível imaginar sonoramente toda uma viagem de trem.

Desta forma, o tema pode ser explorado, ou, a depender das características da turma, o próprio poema de Manuel Bandeira.



Trem de ferro

Manuel Bandeira

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria, que foi isso maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo

Na fornalha

Que preciso

Muita força

Muita força

Muita força

Oô...

Foge, bicho

Foge, povo

Passa ponte

Passa poste

Passa pasto

Passa boi

Passa boiada

Passa galho

Da ingazeira

Debruçada

No riacho

Que vontade

De cantar!

Oô...

Quando me prendero

No canaviá

Cada pé de cana

Era um oficiá

Oô...

Menina bonita

Do vestido verde

Me dá tua boca

Pra matá minha sede

Oô...

Vou mimbora vou mimbora

Não gosto daqui

Nasci no sertão

Sou de Ouricuri

Oô...

Vou depressa

Vou correndo

Vou na toda

Que só levo

Pouca gente

Pouca gente

Pouca gente...

Fonte: Bandeira. s/d

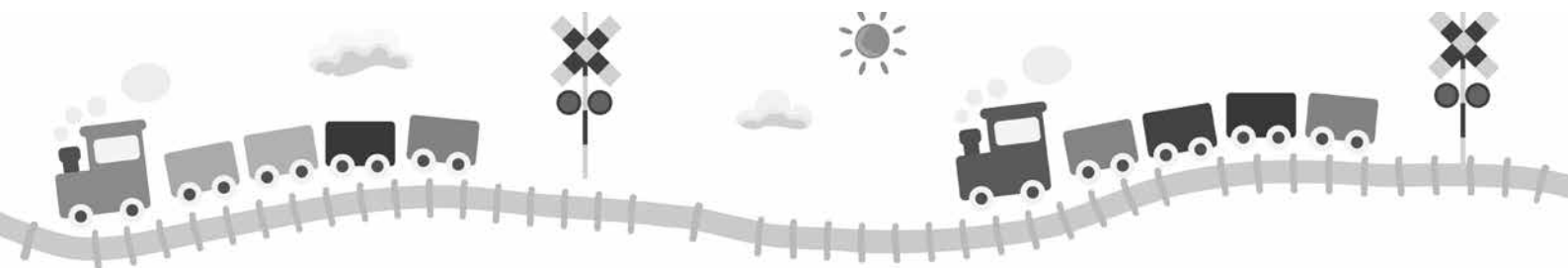
O poema pode ser um “foco gerador” para trabalhos de criação nas diversas linguagens artísticas, inclusive sendo “ilustrado”, em sentido amplo, não apenas com desenho e pintura, mas também por meio de movimentos corporais, da cena teatral, da criação sonora. Ou, dentro de um progressivo trabalho de exploração da fala como recurso para a educação musical³, o poema pode vir a ser o foco gerador para um trabalho criativo – com caráter composicional – em pequenos grupos. Neste sentido, o processo de criação pode explorar alguns trechos do poema ou mesmo palavras isoladas, utilizando-os rítmica ou melodicamente, ou ainda trabalhar com as sonoridades sugeridas. Esse trabalho de criação, interligado à pesquisa de possibilidades sonoras do corpo, do aparelho fonador, de diferentes objetos cotidianos – tratados como fontes sonoras –, pode se desdobrar até a construção de instrumentos sonoros alternativos⁴.

De todo modo, se houver a proposta do trabalho criativo sobre o tema ou sobre o poema, a atividade de apreciação da canção de Tom Jobim e Manuel Bandeira deve ser realizada em *momento posterior*, como ampliação da experiência realizada, como realimentação da prática – para que não seja, de algum modo, tomada como modelo.

Café com pão – bolacha não...

Trem de Ferro – o poema e a canção – exploram a expressão “café com pão” quase como uma onomatopeia do barulho do trem. A possibilidade de trabalho interdisciplinar é clara, de início com a Língua Portuguesa – de imediato para discutir o conceito de onomatopeia e conhecer outras, mas também para tratar do modernismo na literatura brasileira. Aliás, vale lembrar que diversos outros poemas de Manuel Bandeira têm versões musicais – dentre outros, *Vou me embora pra Pasárgada*, por Gilberto Gil; *Testamento*, por Milton Nascimento. Diversas canções resultantes desse entrecruzamento são apresentadas no álbum de Olívia Hime, *Estrela da Vida Inteira Manuel Bandeira* (1986).

Distintamente do trem urbano que servia a Jaçanã (bairro de São Paulo), de *Trem das Onze*, a referência aqui é o trem a vapor, que transportava pessoas e mercadorias pelo interior do país.



3) Para sugestões neste sentido, ver Penna (2012).

4) Neste sentido, ver Akoschky (1991), dentre outros.

2ª estação: Maria Fumaça do Sul

A referência é também ao trem a vapor na canção *Maria Fumaça* – da dupla gaúcha Kleiton e Kledir. Aqui, a onomatopeia sugestiva é o som da sigla RFFSA, de Rede Ferroviária Federal S. A. (Sociedade Anônima). Nos arranjos da dupla para a canção, essa onomatopeia é explorada também para a indicação da velocidade do trem. Do mesmo modo, especialmente com crianças menores, sua recitação pode ser associada a movimentos corporais que, permitindo deslocamentos, possam representar o trem. Assim, por meio da fala e do corpo, diferentes velocidades do trem são experienciadas, paralelamente à vivência de diferenças de velocidade da pulsação – em diferentes andamentos, em acelerando e ralentando.



Foto Divulgação
Trem a Vapor (Maria Fumaça) da Rede Ferroviária Federal S.A.

Para essa vivência, podemos também empregar outros *ostinati* rítmicos com o uso de palavras recitadas, inclusive em sobreposição e/ou alternância: por exemplo, *chuva* – enfatizando-se a sonoridade do *ch* – para remeter ao som do trem, e *Piauí* para o apito, dentre outras possibilidades a serem propostas pelo professor e/ou criadas pelos alunos. E isso pode se desdobrar em um procedimento criativo e de exploração da fala ritmada até praticamente uma peça coral, com frases recitadas, retiradas da canção ou criadas pela turma (Penna, 2012, p. 221).

Essa canção, *Maria Fumaça*, apresenta uma perfeita narrativa de um rapaz que pega o trem para ir se casar e tem medo de se atrasar e perder o seu lugar. Uma possibilidade de reapropriação criativa, partindo da canção e explorando o universo do hip hop, é criar uma outra narrativa – em forma de rap – a respeito de uma viagem urgente de trem, seus problemas, etc. Na mesma direção, pode ser estimulante a proposta de criar, no mesmo estilo, uma versão atualizada do “não posso ficar”, a despedida de *Trem das Onze*.

3ª estação: O Trenzinho do Caipira de Villa

Também é um trem a vapor aquele de *O Trenzinho do Caipira*, de Villa-Lobos, composição para orquestra de câmara, datada de 1933. Além da versão orquestral original, há inúmeras outras versões instrumentais, fruto de adaptações e diferentes arranjos.

Dentre elas, destacamos a adaptação livre (instrumental) de Egberto Gismonti, que integra o álbum *Trem Caipira*, lançado em vinil pela EMI-Odeon, em 1985, e posteriormente reapresentado em CD. Esta adaptação traz momentos de perfeitas “paisagens sonoras” – de caráter não métrico, explorando sonoridades diversas (inclusive mugidos). Contudo, por sua extensão de mais de oito minutos, exige grande interesse e concentração para ser usada numa atividade de apreciação. Esta e outras opções – como o arranjo para dois violoncelos e instrumentos de percussão diversos (caxixi e o brinquedo popular rói-roí, berra-boi ou zuni-dor), executado pelo Duo Santoro e Ana Letícia Barros – podem ser encontradas no *YouTube*.

No entanto, pela variedade de instrumentos, pode ser interessante a versão orquestral – uma gravação com a Orquestra Sinfônica Brasileira está disponibilizada no site da *Wikipédia* –, pois o interesse pelo tema e as referências “figurativas” ao trem e seus ruídos pode propiciar a alunos pouco familiarizados com a música instrumental erudita uma oportunidade de conhecer os instrumentos de uma orquestra. Para tanto, é necessária uma apreciação didaticamente dirigida, buscando-se apresentar os diferentes instrumentos, com suas sonoridades próprias. Assim, convém ouvir a música por trechos, retomando alguns momentos em que um instrumento se sobressai, evocando sonoridades do trem. Pode-se estimular os alunos a reconhecerem o seu timbre, identificando sua presença em outro momento da música, ou ainda reproduzindo alguma célula rítmica que venha a executar, entre outras possibilidades que contribuam para o desenvolvimento de uma escuta de fato consciente. Uma atividade criativa anterior (não apenas musical, necessariamente) sobre o tema (ou sobre o poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira), ajudará a estabelecer uma disponibilidade interior para criar uma relação significativa com a obra puramente instrumental, talvez mais complexa e, a princípio, “mais difícil” para os alunos, por ser mais distante de sua experiência, além de não oferecer o apoio de um texto verbal.

A melodia de *O Trenzinho do Caipira*, de Villa-Lobos recebeu, posteriormente, letra de Ferreira Gullar, apresentada em seu *Poema Sujo* (datado de 1975). A canção resultante já foi gravada por Edu Lobo, Ney Matogrosso, Adriana Calcanhoto (no álbum infantil “Partimpim” 2), Zé Ramalho, pelo grupo Boca Livre e, num arranjo expressivo e rico, com trechos declamados, por Maria Bethânia – todos disponíveis no *YouTube*. Didaticamente, é muito rico um trabalho de apreciação comparativa de alguns desses arranjos, voltado para o reconhecimento dos recursos expressivos empregados – no instrumental, na base rítmica e/ou melódica, no uso da voz...

Se a música puramente instrumental de Villa-Lobos for muito desafiadora para os alunos, essa canção pode ser trabalhada primeiramente – inclusive por meio de uma atividade de produção / execução: pode-se cantar a canção, talvez com um acompanhamento harmônico simples, ao violão ou teclado. Aqui, como em qualquer outra atividade de canto em conjunto, cabe trabalhar a afinação, a respiração, a articulação das palavras, a capacidade de ouvir o grupo – para o que contribui o canto com intensidade suave e a busca de um timbre adequado ao conjunto. Em função da expressividade, o fraseado e fluência são também aspectos a trabalhar, sendo que o movimento corporal também pode ajudar nesta vivência.



Dica

Os encaminhamentos didáticos devem sempre tomar o desenvolvimento da turma como referência. Neste sentido, é fundamental adotar, para a atividade de canto, uma tonalidade adequada às vozes dos alunos – considerando-se com o devido cuidado as características específicas das vozes de crianças e jovens, em diferentes faixas etárias.

Podemos explorar ainda, em função do estágio de desenvolvimento musical do grupo, possibilidades de alternância entre coro e solo ou entre grupos de meninos e meninas, trabalhar algumas passagens em recitação rítmica, criar acompanhamentos rítmicos, com batimentos corporais ou palavras recitadas, para certas passagens, etc. Desta forma, podem ser construídos – inclusive incorporando sugestões dos alunos – arranjos sonoramente ricos e musicalmente expressivos, dignos de uma apresentação, mas que reflitam as possibilidades da turma e sejam fruto do processo pedagógico desenvolvido em aula.



Onde encontrar?

- Diversas gravações (em mp3) e vídeos das músicas citadas estão disponíveis na internet: nos sites dos intérpretes ou mesmo dos compositores, no *4share* ou no *YouTube*.
- No caso das canções, também há gravações e vídeos em sites de letras e cifras. Vale atentar ao fato de que nem sempre a autoria está indicada corretamente: é comum, por exemplo, a omissão da autoria de Ferreira Gullar no caso da canção *O Trenzinho do Caipira*.
- Além das cifras para um acompanhamento ao violão, há diversos outros materiais interessantes disponíveis na rede, como partituras, arranjos para coral e para banda, etc.
- Também há diversas versões corais das canções populares no *YouTube* – como é o caso de *Trem das Onze*.
- No site do Projeto Prolicen da UFRGS, há todo um material didático sistematizado, com arranjos do samba de Adoniran: http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material_didatico/ext_processos_arranjos_musica/un11/ext_proc_arr_mus_un11_conteudo.pdf
- O professor de música – ou mesmo os alunos – podem selecionar os materiais mais interessantes para os projetos que estão sendo desenvolvidos.

4ª estação: A Maria Fumaça de Cecília

Outra possibilidade de tomar o canto como centro do processo didático, como alternativa para o fazer musical, é a canção *Maria Fumaça*, da educadora musical Cecília Cavalieri França. O caráter da composição, com a melodia em graus conjuntos, pode facilitar a entoação e afinação. Permite, ainda, atividades de percepção do movimento sonoro, ascendente e/ou descendente, podendo esse movimento ser representado por gestos com as mãos ou gráficos simples, sem a necessidade de se trabalhar com o nome de notas.

Também é possível articular a atividade de canto à apreciação da obra, disponibilizada *online*, num arranjo para piano (com a participação de violoncelo, dentre outros instrumentos), remetendo a sonoridades próprias do trem. Com referência a ele, também são experienciadas diferenças de andamento / velocidade do pulso (e do trem).



Maria Fumaça

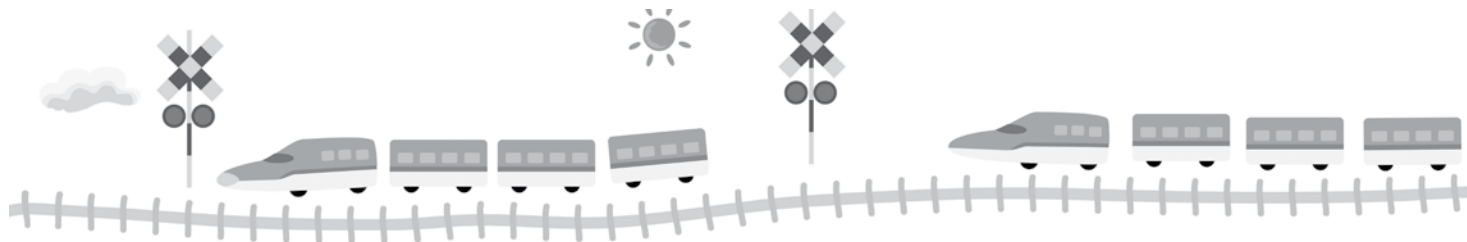
Cecília Cavaliéri França
 Fonte: França (2003, p.16-17)
 Editoração da partitura: Gabriel Bertuol

Pe-la es-tra-da a-fo-ra, vai o trem Ma-ri-a Fu-ma-ça quer pa-rar
 3 Pois quer des-can-sar. Ve-lha e-la es-tá Oh! "Seu" ma-qui-nis-ta, por fa-vor! Oh! "Seu" ma-qui-nis-ta, por fa-vor!
 6 Pe-la es-tra-da a-fo-ra, vai o trem Ma-ri-a Fu-ma-ça quer pa-rar
 8 Pois quer des-can-sar. Ve-lha e-la es-tá Oh! "Seu" ma-qui-nis-ta, por fa-vor!



O áudio completo (canto e arranjo instrumental), assim como apenas o playback, estão disponíveis on line: <http://ceciliacavaliierifranca.com.br/musicas/>

E da *Maria Fumaça* de Cecília França, podemos fazer a ponte e estabelecer relações com outras produções, acima mencionadas, que remetem ao trem a vapor.



Para quem quiser seguir viagem...

Há ainda muitas outras canções sobre o tema do trem na produção da música popular brasileira⁵: *Trem das Sete (Olha o Trem)*, *A Hora do Trem Passar* e, ainda, *Trem 103*, todas de Raul Seixas, considerado um dos pioneiros do rock brasileiro; *Trenzinho (Trem de Ferro)*, de João Gilberto, ícone da bossa nova; *Expresso 2222*, de Gilberto Gil; *Pedro Pedreiro*, de Chico Buarque; *Ponta de Areia*, de Milton Nascimento e Fernando Brant; *Naquela Estação*, de João Donato, Caetano Veloso e Ronaldo Bastos, dentre várias outras. Essas canções se multiplicam em diferentes interpretações e arranjos, criando novas camadas de significação.

Essas produções musicais podem ser exploradas didaticamente em aulas de música, na especificidade de seus conteúdos musicais e também integradas aos projetos interdisciplinares, tecendo relações com diversas outras áreas de conhecimento – que podem nos ajudar a aprofundar nossa percepção sobre os diversos trens que fazem parte de nosso cotidiano e/ou de nosso imaginário.

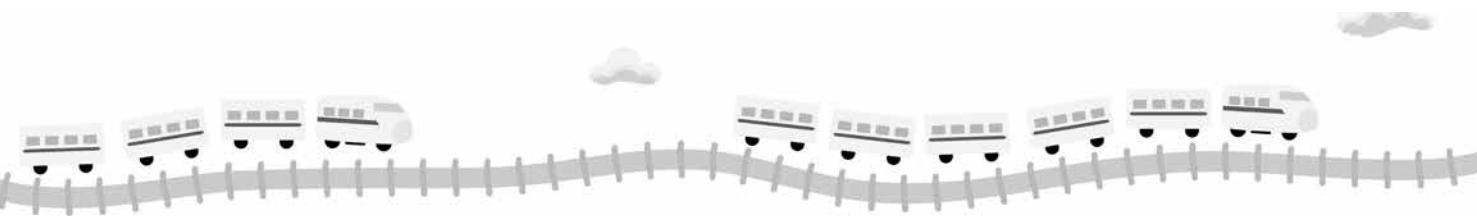


5. Agradecemos aos alunos e colegas que têm ajudado a aumentar a nossa "coleção" de músicas sobre trem, nem todas aqui contempladas.

Como foi visto acima, o trabalho propriamente musical pode estar centrado na apreciação/escuta consciente ou no fazer musical (execução/performance ou criação). Assim, por exemplo, se você já tem um coral na escola, o processo de trabalho pode começar com uma canção popular sobre o tema, incluída no repertório do grupo.

Por outro lado, a apreciação, articulada à reflexão e discussão, é especialmente estimulante para estabelecer relações interdisciplinares em projetos. No entanto, é necessário ter cuidado para garantir a presença sonora da música nas aulas, evitando-se cair apenas no “falar sobre música”. Pois, como já indicou Swanwick (2003), é preciso “ensinar música musicalmente”. Desta forma, a reflexão e discussão precisam estar sempre articuladas à apreciação ou ao fazer musical.

Neste sentido, a discussão sobre diversos tipos de trem e suas funções, pode direcionar a escolha das músicas a serem trabalhadas: sobre os trens urbanos, transportando trabalhadores nas grandes cidades, *Pedro Pedreiro*, *Trem das Onze*, *Expresso 2222*, e ainda o antigo samba *O Trem Atrasou* (de Paquito, E. Silva e A. Vilarinho). Assim como *Expresso 2222*, este samba faz menção à *Estrada de Ferro Central do Brasil e sua famosa estação* de trens metropolitanos, no Rio de Janeiro – que por muito tempo foi a capital do país. *O Trem Atrasou*, gravado originalmente na década de 1940 para o carnaval, e regravado (dentre outras) por Nara Leão em 1965, mostra-se ainda pertinente quanto às dificuldades de transportes dos trabalhadores que moram nas periferias das grandes cidades.



O TREM ATRASOU

A letra e o áudio, por Nara Leão, estão disponíveis em
= <http://www.kboing.com.br/nara-leao/1-1137461/>

Informações sobre a gravação (e seu áudio) feita por Roberto Paiva em 1941:

= http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2006/04/o-trem-atrasou_29.html

- Além da discussão sobre os problemas que os trabalhadores enfrentam, ainda hoje, por atrasos na condução urbana, pode ser interessante refletir também sobre as possibilidades comunicativas de outras épocas – como o memorando da Central (documento escrito) referido na canção.



Dica

Para turmas com alunos maiores ou com mais autonomia para o trabalho em grupo, pode ser proposto o desenvolvimento de pesquisas sobre determinado estilo musical – cuidando sempre de não limitar-se ao falar sobre música. Assim, por exemplo, roqueiros podem se interessar por conhecer a obra de Raul Seixas, explorando especialmente suas várias canções sobre o tema do trem – em atividades de apreciação, execução ou recriação.

E antes de acabar a viagem...

Sugerimos ao professor procurar partir de interesses e vivências dos seus alunos para selecionar músicas sobre o tema do trem e, com base nelas, buscar construir possibilidades para o trabalho pedagógico. Ao mesmo tempo, é importante também estabelecer pontes com outras produções e promover novas experiências, de modo a ampliar a sua vivência musical e, portanto, cultural, pois este é o objetivo maior do ensino de música na educação básica.

Para isso, é fundamental que o professor tenha uma postura reflexiva e criativa sobre sua própria prática, estimulando os alunos, mas também ouvindo suas indagações e suas músicas, numa construção dinâmica de um processo pedagógico significativo. Neste sentido, esperamos que essas reflexões e sugestões possam ser estimulantes.



Referências

AKOSCHKY, J. *Cotidífonos*: instrumentos sonoros realizados com objetos cotidianos. Buenos Aires: Ricordi, 1991.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, s/d. (Coleção Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa).

FRANÇA, C. C. *Poemas musicais*: ondas, meninas, estrelas e bichos. Belo Horizonte: [edição da autora], 2003.

KUENZER, A. O ensino médio para os que vivem do trabalho: construindo uma nova concepção. In: KUENZER, Acacia (Org.). *Ensino Médio*: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000. p. 38-93.

LEITE, M. L. A. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 2, n. 8, mar./abr. 1996, p. 24-33. Disponível em: <http://presencapedagogica.com.br/files/PP08.pdf> Acesso em: 10 abr. 2014

PENNA, M. A fala como recurso na educação musical: possibilidades e relações. In: _____. *Música(s) e seu Ensino*. 2 ed. rev. e ampl. 1. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 208-230.

REYS, M. C. D. Era uma vez: entre sons, músicas e histórias. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, set. 2011, p. 68-83.

SWANWICK, K. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.